

CAMPOS DO RIO BRANCO

DE um modo geral, o termo campo no Brasil designa a área descoberta que não possui floresta.

Tal área tanto pode ser arborizada e, neste caso, a fitogeografia lhe denomina savana, como sem árvores, tendo-se, então, campinas, nome hoje universalmente usado em geografia botânica para designar esta segunda ordem de campos nativos.

No Brasil, porém, as savanas chamam-se campos-cerrados, ao passo que os campos sem árvores constituem, na nomenclatura fitogeográfica brasileira, as campinas ou campos-limpas.

Na região amazônica, os campos naturais ou nativos, se revestem de um triplice aspecto, porque além de apresentarem a forma típica da savana, e a modalidade campina, ostentam um tipo intermediário, a formação campinarana, ou falsa campina.

Na acepção geral do termo, os campos do Rio Branco, afluentes da margem esquerda do rio Negro, no Estado do Amazonas, cobrem uma área de cerca de 35.000 quilômetros quadrados, de altitude média uniforme, entre 150 e 160 metros, excetuada a parte norte da planície, onde a altitude não é inferior a 250 metros.

A verdadeira zona dos campos livres ou gerais do vale do Rio Branco, começa, de acordo com JAKES OURIQUE, depois das manchas de terrenos altos encontrados desde a barra do rio até o princípio do trecho encachoeirado, e daí à linha do Mocaí e serra de Araraquara, hoje geralmente chamada serra Grande, sendo, pois, esse, o limite sul das campinas.

Para GLYCON DE PAIVA, o limite sul, entretanto, é balizado pelo referido Mocaí na margem direita do rio Branco, e Quitauá, na margem esquerda, igarapé nascido nas altas terras da serra da Lua.

O limite oeste e norte é constituído, conforme OURIQUE — O Vale do Rio Branco — Edição Oficial — 1906 — pela linha que, "partindo do alto Mocaí e passando pela extremidade oriental da ilha de Maracá, contorne junto às serras os vales do Majari e Parimé e vá, pelo retro no Surumú, ao Pirara, na nossa divisa com a Guiana Inglesa, sendo essa o seu limite de leste".

No Boletim n.º 99 — Alto Rio Branco — do Serviço Geológico e Mineralógico — GLYCON DE PAIVA admite que o limite oeste da planície termina no meridiano de Maracá, quando se passa do curso inferior do Urariquera para o seu alto curso.

Como limite norte, GLYCON considera a escarpa que atravessa o Brasil vinda do território venezuelano, no rio Surucum, à Guiana Inglesa, no rio Maú, numa orientação geral de NW para SE.

As campinas do Rio Branco possuem uma largura aproximada de 150 quilômetros, atravessando do Brasil, para a fronteira inglesa.

A planura revestida pelas campinas do Rio Branco, hoje genericamente conhecidas por campos de S. Marcos, em virtude de possuir o governo federal, na confluência do rio Branco com o Urariquera, a grande fazenda nacional de S. Marcos, a única das três grandes fazendas nacionais que vingou, dentre as que existiram antigamente na região, tipicamente é uma peneplanície gnéssica, cuja vegetação característica é formada por plantas xerófilas e silícícolas, sendo na sua quase totalidade herbácea, donde os campos separados entre si por manchas de cerrados ralos, cujos caimbes e merixis, monimeáceas taníferas, representam as plantas expressivas, de 3 a 4 metros de porte, ramos e caule tortuosos, folhas silícicas.

A cobertura principal do campo é uma graminea que, em touceiras isoladas (Anemochloa sp.) constitui, com as ciperáceas capiliformes das lagoas e igarapés, o alimento preferido pelo gado, aí existente desde os meados do século XVII, quando estabelecera os portugueses as primeiras feitorias de criação, mais tarde transformadas nas fazendas nacionais de São Bento, de São José e de São Marcos, esta a única, aliás, que continua mantida e administrada pelo governo, de vez que as duas primeiras se acham hoje repartidas em fazendas particulares.

A área dos campos do Rio Branco, naturais, francos, contínuos e limpos, apropriados à criação de gado vacum, cavalari e lanígero, sem preparo nem trabalho especial algum, corresponde a clareiras abertas na imensa floresta megatérmica que veste o imenso vale amazônico.

A entrada nos campos para quem vai de Manaus, depois do varadouro "Bem Querer", é descrita pelos monges beneditinos, no seu Anuário do Rio Branco: "Daí a viagem prosseguirá risonha, entrando pouco a pouco na região dos campos. São estas imensas extensões de terra plana, com caráter de savana, cuja monotonia porém é agradavelmente afofomeada por serras espalhadas em toda a parte, grandes e pequenas. Isto pouco perceberá o viajante a bordo do seu navio, porque a mata alta, que sempre continua a acompanhar as margens, lhe interceptará a vista dos largos horizontes que se descortinam atrás dessa barreira. Elevando-se, porém, a devida altura poderá contemplar em largas extensões esse grandioso panorama".

GLYCON DE PAIVA, escreveu:

"A mesma impressão que nos vem, quando nos achamos colocados em pleno oceano, acode ao pensamento do observador que viaja os infinitos campos do Rio Branco. Não sabemos de planícies que lhes sejam comparáveis, a não ser, vagamente, os altos chapadões do Triângulo Mineiro. Faltam quase sempre pontos de referência. Todos os rios correm indecisos, sem senilidade avançada, limitando-se, apenas, a transportar, de uma margem para outra, os bancos de areia. O seu perfil é de um V muito aberto, e, de lado e outro do eixo, vê-se uma larga baixada de alguns quilômetros, lembrando nas longas enchentes dos rios amazônicos, qualquer coisa dos pantanais do médio Paraguai. Suas velocidades, salvo trechos limitados de rejuvenescimento, são da ordem de 60 cm., por segundo".

Como sucede no Rio Grande do Sul, as pastagens naturais do Alto Rio Branco, dividem-se, como lá, em pastos secos e pastos úmidos, havendo, ainda, banhados e alagadiços nas baixadas marginais dos rios e igarapés, estendendo-se aqueles pelos terrenos mais altos, não atingidos pelas enchentes, e, estes, pelas depressões transitoriamente alagadas.

Além disso, igarapés de águas cristalinas cortam os campos em todas as direções, ostentando nas suas margens, renques de meritis, (Mauritia flexuosa, Mart.) palmeiras que correspondem aos buritis, no interior do planalto central do país (Mauritia vitifera).

E' nos miritizais e nas "ilhas de mata", capões, que o gado se refugia quando o calor aumenta consideravelmente.

